

O PODER DE JESUS COMO VIA DE HUMANIZAÇÃO - Relações que Humanizam -

Pe. Rodolfo Faria¹

“Nós só nos devíamos lembrar dos pobres, o que, aliás, tenho procurado fazer com solicitude” (Gl 2,10).

Caríssimos amigos leitores, a pedido da fundadora do Movimento “*Mães que oram pelos Filhos*” a estimada amiga Sra. Ângela Abdo, escrevo esse pequeno ensaio ou apresentação sobre o meu último livro publicado no final de 2016 com muito entusiasmo em propor um itinerário bíblico-humano e humano-Divino a parti das relações humanizadoras de Jesus, sobretudo, com as **MULHERES**. Portanto, esse movimento que é nutrido pela força da oração de mulheres-mães que acreditam no poder da oração como remédio eficaz contra as dores humanas de vossos filhos(as).

A visão contemporânea do ser humano caracteriza-se pela pluralidade de formas e experiências de vida. Sua grandeza resulta das grandes metas colocadas no caminho de sua auto-realização, dos grandes feitos que seja capaz de realizar. O ser humano contemporâneo, à luz de uma cosmovisão integrada, busca uma compreensão existencial cada vez mais abrangente de si mesmo e do *κόσμος*². Penetrando nos primórdios da história, do pensamento, da filosofia, da arte, da linguagem, da psicologia, da teologia e dos fatos determinantes da evolução biológica em busca de respostas.

Seu horizonte descortina a vida para além-vida, ou seja, da própria morte³. Alargando assim, então, os critérios de valorização dos processos de vida e de teologia, ao mesmo tempo em que desdobra as razões para assumir seus limites. Portanto, as perspectivas que se abrem com essa obra são por demais

1 Padre Rodolfo Faria, Bacharel e Licenciado em Filosofia e Sociologia pela UFG; Bacharel em Teologia pelo Pontifício Ateneo Santo Anselmo de Roma na Itália; Graduado em Administração pela UNIP; Pós-Graduado em Comunicação Social pelo SEPAC – Paulinas; Mestre em Comunicação pela Cásper Líbero do grupo Gazeta; atualmente exerce atividades, como: Pároco, Comunicador no Rádio; Apresentador de TV – Rede Século 21; Colunista de Jornal e Revista.

²Cosmos ou *Kósmos* na transliteração grega. O cosmos é a imagem do mundo que cada pessoa forma, mas por isso mesmo, não é o mundo como soma total de todas as coisas e os entes existentes, isto é, como totalidade omnicomprensiva.

³Muito presente a ideia de eternidade, parúsia e escatologia.

exigentes. Sobretudo, pelas macrotendências epistemológicas e teológicas que afetam diretamente a ética.

O ser humano independentemente do período histórico tende naturalmente a buscar compreender a sua relação com o transcendente através das mais diversas experiências e concepções religiosas existentes. Afirmando esse sagrado ou transcendente como domínio exclusivo do fenômeno religioso “o sagrado é antes de tudo, uma interpretação de avaliação do que existe no domínio exclusivamente religioso” (OTTO, 1995, p. 11).⁴

Cabe-nos perguntar: é possível uma teologia⁵ sem uma mística?⁶ Isto é, sem espiritualidade, sem projeções utópicas, sem profecias, sem solidariedade, sem amor e esperança. Entretanto, devemos admitir algo básico: a existência humana não se nutre apenas de alimento físico-químico, de certezas cartesianas, de sistemas imperialistas e de projeções calculadas. Ao contrário, ela se alimenta igualmente de incertezas, de riscos, de motivações, de variantes, de gratuidade e caridade.

Sem o aspecto místico na pesquisa e o pressuposto da fé, seria muito difícil que a teologia não fosse uma ética de conveniência, ou pudesse escapar do pragmatismo cartesiano, e mais que isto, de um procedimento seletivo e truculento em favor dos mais fortes na esfera social.

⁴ O sagrado na proposta do autor não pode ser reduzido a meros conceitos. Ao contrário, o sagrado proposto é aquele do qual não se pode tocar e nem medir sua intensidade ou qualidade, ou seja, está para além da compreensão pura e simplesmente racional. O autor, não nega a possibilidade da compreensão racional, contudo, o aspecto do *não racional* deve fazer parte dessa totalidade do sagrado, empregado assim o elemento *numinoso*. E o mesmo não pode ser entendido ou explicado. E por quê? Porque está no âmbito da experiência religiosa. Somente quem já vivenciou uma experiência religiosa é capaz de entender, mas não a de expressar o que sentiu ou viveu no relacionar-se com o sagrado, ao *numinoso*.

⁵A palavra teologia foi empregada para expressar as correntes antropológicas e cristológicas.

⁶O movimento de Jesus é um dos movimentos (existiam na época de Jesus vários movimentos, dentre eles: movimento de João Batista, movimento dos Zelotas, Fariseus, Saduceus, Essênios dentre outros) que sobressaiu no contexto judaico por vários aspectos, sobretudo, pela dimensão mística que está imersa nesse movimento. A mística está correlacionada à profecia, que por sua vez caracteriza-se pela: justiça, compaixão, solidariedade, oração e denúncia contra a elite judaica que está localizada na cidade (o poder localizava-se na cidade, nas casas, no palácio); Na contramão da elite estão os empobrecidos e marginalizados. Portanto, o movimento de Jesus situava-se no campo, ou seja, nas periferias da cidade. Portanto, a tensão instaura-se entre império (cidade) e expropriados (campo). O movimento de Jesus aproximava-se latentemente do movimento cínico fundado pelo filósofo Diógenes. Esse movimento cínico caracterizava-se por andarilhos que levavam a sua sabedoria consigo e por onde passava, vai produzindo conhecimento ou um ensinamento. E isso incomodava, sobretudo, porque o povo vai seguindo-o. O movimento cínico tem uma dimensão de desprendimento e de pobreza radical. Portanto, em contraposição ao movimento helênico.

Em tempos de grandes brumas, os desafios acadêmicos são diversos, e para tamanha exigência epistemológica nos propomos a partir de três eixos conduzir nossa obra, a saber: 1º) o exercício do poder e sua pluralidade etimológica; 2º) o caminho de humanização frente ao poder: o ser humano em contínua construção de relações; 3º) promover um diálogo entre os conceitos de poder e humanização a partir da práxis de Jesus de Nazaré. Isto é, o poder humanizador no querigma (do grego: κήρυγμα)⁷ de Jesus.

No primeiro capítulo, o exercício do poder e sua pluralidade etimológica, pois ele é sempre relevante para o ser humano, sobretudo, pela inerência nas relações humanas. Segundo, CUNHA (2007, p. 616) poder significa: “ter a faculdade de; ter possibilidade de; ter a capacidade de; ter posse; de produzir efeitos; direito de deliberar”. Isto parece apontar que, para uma pesquisa sobre o poder empiricamente, não é necessário utilizar um método dos muitos existentes, mas usar um leque articulado de técnicas e ferramentas de pesquisa. Tanto pode ser referida a pessoa e a grupos humanos como a objetos ou a fenômenos.

No segundo capítulo, percorrer o caminho de humanização frente ao poder: um ser humano dinâmico e aberto a construir relações. Nesse aspecto, a cosmovisão do homem contemporâneo inserido na cibercultura⁸ caracteriza-se pela pluralidade de métodos e pela diversidade quanto às experiências de vida. Nesse movimento, o ser humano humaniza a si mesmo e o próximo, humanizando universalmente o ‘mundo’⁹.

No terceiro capítulo, estabelecer um diálogo entre os conceitos de poder e humanização a partir da *práxis* de Jesus. Isto é, o poder assumido por Jesus como serviço¹⁰ a humanização. Resgatando a dimensão profética do Querigma

⁷Na compreensão neo-testamentária tem os significados: de anúncio, mensagem e proclamação.

⁸Essa cibercultura significa uma cultura digital. O ser humano pós-moderno está imerso na cultura digital, onde as ferramentas tecnológicas potencializam o ‘poder’ de ação dos seres humanos. “Conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2000, p. 32).

⁹A interpretação de mundo nesse contexto deve ser ampla, isto é, compreendido, como: *cosmos* ou *oikos*. Portanto, o ser humano é compreendido como um ser integrado com as relações e sensíveis com tudo o que existe a sua volta.

¹⁰Cf. Is 42:49;50 (a dimensão do serviço).

e a opção pelos desfigurados¹¹. Um aspecto relevante das ciências teológicas, pois ela plasma a comunidade eclesial; é o lugar imprescindível da ética frente a uma cultura imperialista bélica com a consequente perda dos referenciais evangélicos, particularmente da dignidade e compaixão humana.

De que modo, então, nós podemos compreender Jesus de Nazaré como caminho antropológico para a alteridade (autonomia)?¹² Como Jesus transcende o ser humano de suas misérias humanas? Como compreender a dignidade humana num sistema de opressão e de uma lei amoral que excluía as pessoas *manchadas, desfiguradas, marginalizadas*, a princípio pelo sistema religioso farisaico da sociedade judaica na época de Jesus?

O método adotado será o de pensar a questão teológica a partir do princípio da humanização em correlação com o poder de Jesus, organizando o vasto conhecimento sobre o poder, humanização e Jesus a partir dos três eixos condutores supracitados. A obra tem por objetivo captar a riqueza teológica contida na *práxis* de Jesus à luz da humanização e sua implicação ética espiritual para o mundo pós-moderno.

A partir de uma metodologia clássica de três capítulos, dinâmicos e articulados, voltaremos a conteúdos já enunciados com o objetivo de aprofundá-los sobre novos ângulos, fazendo assim a reflexão avançar para níveis mais amplos. Dentro dessa sistematização pedagógica o desafio maior será o da hermenêutica, isto é, da abertura do fazer teológico para a nossa situação atual, sobretudo, na cibercultura. “É uma cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais” (LEMOS, 2000, p. 46).

Todavia, o enfoque ético-espiritual terá o objetivo de resgatar o outro da margem, da exclusão e da indiferença particularmente às mulheres da época de Jesus.

O poder não deve ser compreendido apenas na perspectiva do quadrante mercadológico - sistema de cargos (*piramidal clássico*); certamente, quem possui um bom cargo terá maior influência do que aquele portador de um cargo

¹¹Aplicado aos: pobres, viúvas, órfãos, enfermos e as mulheres. O Concílio Ecumênico Vaticano II resgata essa compreensão de povo de Deus – opção preferencial pelos pobres;

¹²Entendendo o princípio de alteridade: tudo parte da saída de si para a busca do outro. Buscando, perde-se no outro, permitindo que o outro seja verdadeiro outro. Fazendo isso, eu sou eu mesmo.

inferior ou nenhum cargo; porém, não é algo absoluto é apenas uma possibilidade. Todavia, mesmo que alguém não ocupe cargos importantes, não significa que não seja possuidor de poder, pois há modos diversos de exercê-lo. Nem sempre, privilégios servem de garantia ou legitimação para a sua retenção.

A partir dos relatos bíblicos sobre as atitudes de Jesus, percebemos que a pessoa que possui 'mais poder' tem o dever de servir mais e aquela que se coloca a serviço é que se torna 'maior'. Muitas vezes ele fez isso diante dos seus, colocando-se a serviço daqueles que 'deviam servi-lo', que eram os últimos, que haviam perdido seu valor e sua dignidade humana: pobres, enfermos, mulheres, vendo-os como pessoas dignas de respeito e de valorização (cf. Mc 9,33-35; Mt 4,23-25; Lc 22,27; Jo 13,1-17).

Tem como objetivo trabalhar a questão do poder e sua influência nas relações interpessoais dando ênfase à relação de Jesus com as pessoas marginalizadas demonstrando que em tal relação, seu poder (*dynamis do Reino*) era exercido para humanizá-las e resgatando¹³ sua dignidade e, particularmente, ressaltando sua relação com as mulheres. Não temos, contudo, a pretensão de esgotar o assunto, mas buscaremos salientar algumas reflexões sobre a temática.

A obra nos propõem outras inquietações teológicas, sobretudo, a descentralização do campo fenomenológico. Propondo a comunidade científica uma pesquisa interdisciplinar. Far-se-á pertinente ao momento contemporâneo da história e da pesquisa teológica um diálogo epistemológico científico de cooperação e integração entre as diversas academias. Está é a característica definidora de um grande teólogo: estar aberto às outras ciências e ser capaz de fomentar reflexões.

¹³A dinâmica do *Goel*;